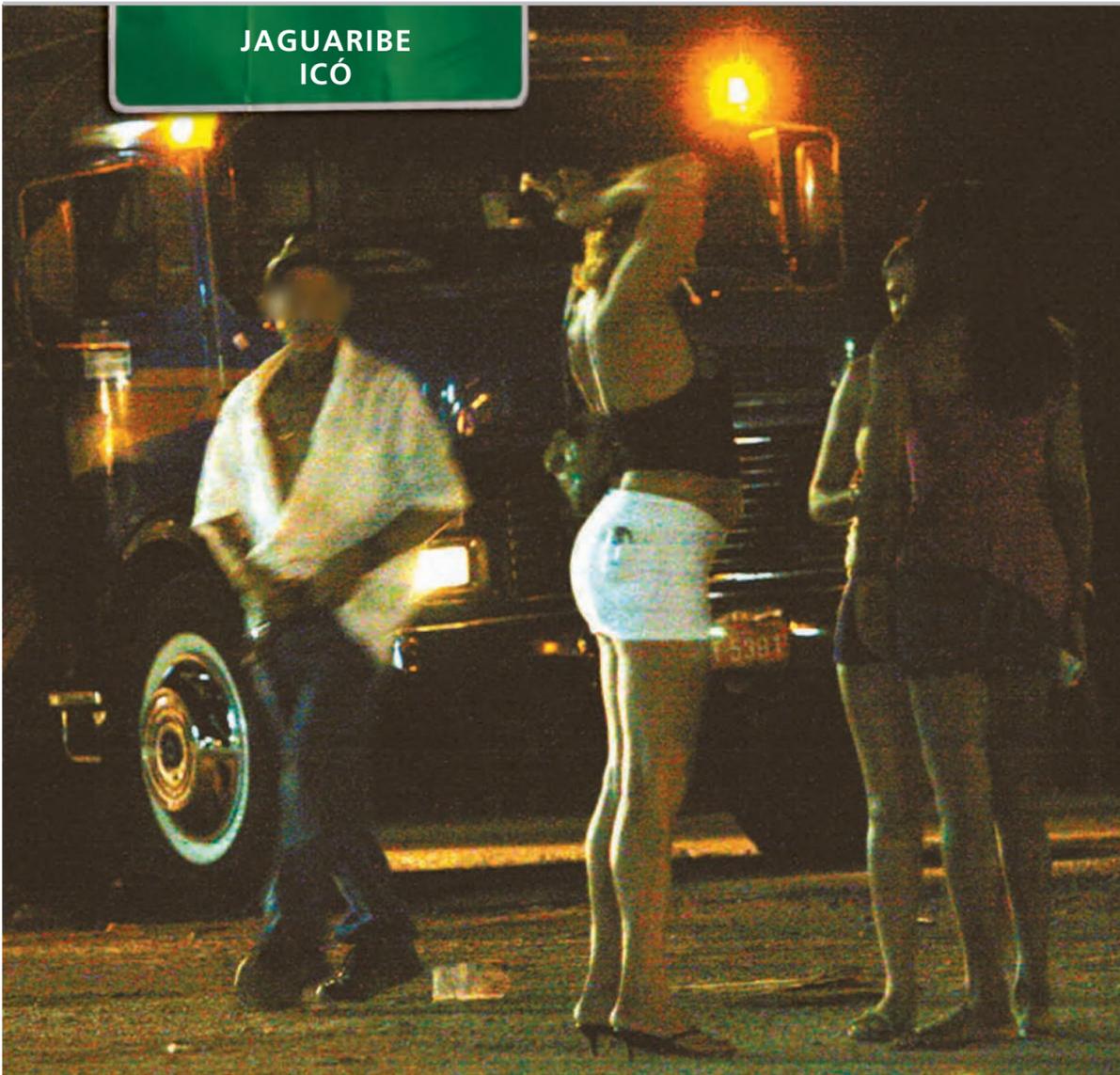


JAGUARIBE
ICÓ

>> NOITE em Icó: comerciantes e "filhinhos de papai" entre os exploradores

A FILHA VENDIDA POR 100 REAIS

Cláudio Ribeiro e Demitri Túlio
da Redação

Por 100 reais, a mãe "vendeu" a filha adolescente para um caminhoneiro que estava de passagem por Jaguaribe em 2004. Quando a notícia correu o Município, a menina estava sobrevivendo em Feira de Santana e o Conselho Tutelar da cidade baiana a abordou na rua. "O pessoal ligou pra cá e falou que ela estava num projeto e não poderia ficar lá. Fomos ao promotor, que ficou de resolver, mas ele acabou indo embora e a coisa foi deixada pelo meio do caminho".

O caso da menina de Nova Brasília vendida por 100 reais é narrado por Francisca Lidomar de Lima Melo, 43. Conhecida em Jaguaribe por Eliene, a professora e conselheira tutelar demonstra desencanto quando toca no assunto. "Depois que o promotor foi embora, procuramos o delegado. Mas como a mãe disse que entregou a menina para o caminhoneiro criar, o delegado deixou por isso mesmo. Ficou o dito pelo não dito e a mulher ainda ficou com raiva de mim", relembra.

Segundo Eliene, a mãe da menina "tinha problemas com bebidas, roubava e só vivia presa". Na época, a professora trabalhava solitária. Quatro dos cinco membros do Conselho Tutelar foram abandonando o cargo e restou apenas ela. Em outubro passado, quando O POVO esteve em Jaguaribe, o Conselho Tutelar de Jaguaribe ainda não estava funcionando. A eleição



>> ELIENE: desencanto

ção para regularizar a situação havia ocorrido dois dias antes, depois de cinco meses desativado e por exigência do Ministério Público local.

De jeito simples, Eliene diz que o trabalho de proteção à criança na cidade é mais por voluntarismo do que por determinação pública. "A política para criança aqui é esquecida".

Na verdade, o mandato de Eliene no Conselho havia se encerrado desde maio. Para que o atendimento não fosse totalmente desativado, a Prefeitura a contratou como terceirizada e a deixou numa salinha para atender quem procurasse pelo serviço. Mas as condições de trabalho tornaram-se precarizadas - admite.

"O Conselho praticamente não existe. Não tem uma sala, nem carro, nem computador, nem fax. Se chegar uma pessoa ou uma menina para um atendimento, com certeza não tem onde atender", descreve Eliene. Na cidade, a criança que comete infração é conduzida em carro da Polícia Civil, procedimento condenado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Até o primeiro mandato do Conselho Tutelar, de 2000 a 2003, segundo ela, o órgão tinha sede própria, mas a administração municipal da época decidiu pela transferência para uma sala no prédio da Secretaria da Ação Social.

Mesmo quando havia gente no Conselho, Eliene reconhece que nunca foi feito um diagnóstico do problema de exploração sexual infanto-juvenil em Jaguaribe. "Sei que tem, que as pessoas ficam falando", diz. "Tem um antro ali perto do triângulo do Pereiro (cidade vizinha). As meninas vão lá, mas o conselho mesmo nunca foi lá, não".

Na nova eleição para o Conselho Tutelar, em outubro último, Eliene conseguiu se reeleger em segundo lugar, para mais um mandato de três anos. Teve 200 votos, dez a menos que o primeiro colocado. Em algumas cidades do Interior cearense, isso é quase votação para eleger um vereador. Ao contrário do que diz a lei, a conselheira recebia R\$ 166,00 de salário. Quando virou terceirizada, passou a receber R\$ 203,00. "A prefeitura vai pagar o salário mínimo a partir de janeiro", informa Eliene.

Opção de emprego

Aos 15 anos, Vanessa (nome fictício) ficou grávida do primeiro filho. Aos 16, nova gravidez. Aos 17, decidiu que passaria a fazer programas num dos postos de combustíveis de Icó para conseguir dinheiro e sustentar os filhos. Já está no quarto ano dessa vida. Só mudou de posto. Iguais a ela, são várias. Um dia quase casou, mas brigou, acabou o relacionamento e hoje se arrepende de ter deixado o namorado bem de vida. No seu ponto, atende a lascívia dos caminhoneiros em suas boléias. Ou nos quartinhos de motéis. Atende quem apareça, ao preço de 20 reais.

Os mil reais que ganha por mês, em média, são dez vezes mais, segundo ela, do que ganharia trabalhando em alguma lojinha ou balcão de restaurante da cidade. "É opção de emprego, que não tem". O dinheiro ajuda no sustento de seis pessoas em casa, inclusive os pais. Eles souberam de sua decisão de satisfazer os homens em troca de cédulas na manhã seguinte à sua primeira noite como garota de programa. Vanessa diz que adolescentes entre 15 e 17 anos ainda aparecem pelo posto. "Tem uma que vem sempre, até grávida ela tá. Bem novinha". No dia da passagem do O POVO pela cidade, a menina não apareceu no local. (Cláudio Ribeiro)

BR116
Segundo o delegado Regional de Jaguaribe, Francisco Miguel Sales Filho, o bairro de Nova Brasília é o ponto mais crítico quando o assunto é exploração sexual/comercial de criança e adolescente. No local há concentração de postos de combustível e zonas. Apesar disso, o policial diz que a "incidência desse tipo de crime é pequena".

LEIA A ÍNTEGRA na internet
(www.opovo.com.br)

O POVO - Você começou nessa vida com que idade?
Vanessa - Dezesete.

OP - Por que veio pra cá?
Vanessa - É opção de emprego, que não tem. Quando a gente passa a ter filho, então...Tem que ganhar dinheiro pra se manter.

OP - Quantos filhos você tem?
Vanessa - Dois, de três e quatro anos.

OP - Tem vontade de sair daqui?
Vanessa - Com certeza. Todas têm. Ir pra onde? Com os filhos, não tenho muita opção de sair de perto deles. Nunca nem viajei por causa deles. Eu não sairia daqui (da cidade), mas se arranjassem um emprego sairia do posto.

OP - Você tem algum sonho, alguma vontade não realizada por causa desse seu trabalho?
Vanessa - Todas têm. Ter sua casa, seu lar, seu emprego. É o meu sonho.

OP - Aqui tem meninas menores de 18 anos?
Vanessa - Sempre andam menores por aqui. De 15, 16, 17 anos. Andavam muitas, só que agora se afastaram.

OP - Agora tem alguma?
Vanessa - Ainda não. Quando

elas vêm, é cedo. Ficam na cabine do caminhão. No hotel não aceita mais não. O dono daí (aponta para um hotel em frente) não aceita menor de idade. Às vezes os caminhoneiros saem, mas a maioria... Uma vez, uma menor pediu carona ao caminhoneiro e ele disse que não ia levar, que ia se ferrar porque tinha família.

OP - Essas meninas saem também com gente da cidade?

Vanessa - Saem. Comerciantes, filhinhos de papai sempre vêm aqui. Levam pro motel.

OP - Qual é o preço?

Vanessa - Vinte reais. Tem umas que cobram 10, 15 reais. As de menor cobram mais barato, às vezes vão até de graça.

OP - Antes de a gente começar a gravar, você disse que queria ser de menor de novo. Por quê?

Vanessa - É mais liberdade, mais protegida. Caso o cara seja chato e querer uma coisa a mais com a mulher (refere-se a grávida), o cara se ferra também.

OP - Dá um grito e o sujeito se ferra?

Vanessa - É, exatamente. A mulher sendo de maior não tem direito de nada. Liga pra polícia, que não aparece nem nada.

OP - Você sustenta seus filhos com os programas daqui. Consegue quanto por mês?

Vanessa - Mil reais. Mas não dá nunca pra ver o total, porque nunca junta, sempre vai gastando e não vê pra onde o dinheiro tá indo.

OP - Aqui tem drogas, assalto, criança lavando caminhão?

Vanessa - Droga já rolou, mas pouco. Assalto, não. Criança tem. Ó uma delas (um menino) passa ao lado, entre os caminhões. Eram quase dez da noite).

OP - As meninas mentem muito a idade, para se passarem por maiores de 18 anos?

Vanessa - Mentem.

OP - Na concorrência, a menor de idade é preferida?

Vanessa - Aqui é o contrário. O cliente evita porque não quer problema.

OP - Quando você ainda era menor de 18, nunca deu problema?

Vanessa - Não.

OP - Você estudou até que série?

Vanessa - Primeiro do ensino médio. Eu voltei este ano, mas não deu pra continuar. Desisti. O tempo é pouco.

OP - Nunca trabalhou em outra coisa?

Vanessa - Não tem, como é que trabalha? Além de receber reclamação muita e uma minchatria que não dá pra se manter.

